

A demonstração do prof. Rouss

Josef e Karel Capek

Entre os presentes sobressaíam: o Ministro do Interior e o da Justiça, o chefe da Polícia, vários deputados, altos funcionários, juristas proeminentes, cientistas de renome e, naturalmente, representantes da imprensa, pois estes metem o nariz em tudo.

– Meus senhores – começou o Sr. C.G. Rouss, professor da Universidade de Harvard, nosso famoso patricio, hoje cidadão americano –, a experiência que eu vai demonstrar estar baseada em trabalhos já antigos de um grupo de eruditos cientistas, colegas e colaboradores meus. *Indeed* o assunto, de modo geral, não é novidade, e... realmente... é coisa até... batida – continuou, contente por lhe haver ocorrido a palavra exacta. — *Só the method*, e, hum... a aplicação prática de *some experiences* teóricas foram *object* do meu trabalho. *Then*, peço, principalmente aos senhores criminalistas, julgarem a coisa na base de sua própria prática. *Well!* Vejamos! É o seguinte: Eu direi uma palavra, e os senhores deverão responder-me com outra palavra que *just in the moment* lhes ocorra, ainda que seja um *nonsense*... ou... uma bobagem, quer dizer, um disparate. E no fim da experiência eu ir dizer, conforme as palavras respondidas pelos senhores, o que há nas suas cabeças, o que estão pensando e o que estão escondendo. Compreendem, *gentlemen?* Eu não vai esclarecer teoreticamente: trata-se de associações, ideias reprimidas, um pouco de sugestão e *something else*. Eu vai ser muito breve: o que se precisa, é... *well*... é eliminar a vontade e a reflexão; assim se revelam as *connections* subconscientes e eu vai reconhecendo, por aí, o que... o que... – o famoso ilustre professor procurava a expressão – *well, what's on the bottom of your mind*.

– O que está no âmago de sua alma – soprou alguém no auditório.

– Perfeitamente – concordou C.G. Rouss, satisfeito. – Os *gentlemen* vão apenas dizer, automaticamente, o que lhes vier à cabeça no momento, sem nenhum *control of reserve*. Meu *business* será, então, *to analyse* tais ideias. *That's all*. Quero demonstrá-lo primeiro num caso, hum... criminal, depois em alguém do auditório que se prontifique a isso. *Well*, o Sr. Chefe da Polícia irá dizer-nos *what is the matter about* o caso desse homem. Faça o favor.

O chefe da Polícia levantou-se e esclareceu:

– Meus senhores, o homem que mandarei introduzir neste recinto é Tcheniek Sukanek, serralheiro e lavrador em Zabiehlice. Está preso há uma semana, por suspeita de ser o assassino do chofer de táxi José Tchepelka, desaparecido há quinze dias. Os motivos de tal suspeita são os seguintes: o carro de Tchepelka foi encontrado no palheiro do preso; no volante e debaixo do banco do chofer notaram-se manchas de sangue humano. O indiciado naturalmente nega tudo, afirmando haver comprado o carro de Tchepelka por seis mil coroas, pois tem a intenção, ele mesmo, de começar a trabalhar como chofer de praça. Apuramos que o desaparecido vinha efectivamente

falando em abandonar o negócio, vender o carro e empregar-se como chofer. Aí, porém, terminam os vestígios. À falta de outros indícios, o preso deverá ser entregue amanhã à Casa de Detenção de Pankrats. Pedi a autorização a fim de que o Prof. Rouss, nosso ilustre compatriota, o submeta à sua experiência. Quando quiser, professor...

– Well – disse o professor, que atentamente ia tomando algumas notas. – Mande-o entrar, *please*.

A um sinal do chefe da Polícia, um guarda introduziu Tcheniek Sukanek, rapaz de cara fechada, com uma expressão que denunciava o mais profundo desprezo, parecendo dizer que estava resolvido a não se entregar.

– Venha cá – disse o professor em tom severo. – Não lhe vou fazer perguntas; apenas direi umas palavras, e você terá de retrucar imediatamente com a primeira palavra que lhe vier à cabeça. Está compreendendo? Pois preste atenção: copo!

– M...a! – respondeu o Sr. Sukanek, teimoso.

– Escute, Sukanek – interveio veemente o Chefe da Polícia –, se você não quiser responder correctamente, eu mando-o a novo interrogatório, compreendeu? E isso, sabe, durará a noite toda. Tome cuidado! Recomecemos!

– Copo – repetiu o Prof. Rouss.

– Cerveja – resmungou Sukanek.

– Assim, como você vê – disse o ilustre professor –, vai tudo indo bem.

Sukanek olhava desconfiado. Não haveria nisso algum truque? – pensava.

– Rua – diz o professor

– Carros – responde Sukanek de má vontade.

– Deve responder mais depressa. Casa! – Campo. – Torno! – Latão.

– Muito bem! – Parecia que Sukanek já não fazia objecções à brincadeira.

– Mãe! – Tia. – Cachorro! – Canil. – Soldado! – Artilheiro.

Assim foi indo, golpe a golpe, cada vez mais depressa; agora Sukanek parecia achar graça; lembrava-se da maneira de trunfar no jogo de cartas. Meu Deus! De quanta coisa ele se lembrava com essa brincadeira!

– Caminho! – Estrada. – Praga! – Beroun. – Esconder! – Enterrar. – Limpar! – Manchas. – Trapo! – Saco. – Enxada! – Quintal. – Buraco! – Cerca. – Cadáver!

Silêncio.

– Cadáver! – insistiu o professor. – Então você enterrou-o ao pé da cerca, não?

– Não disse isso! – explodiu o Sr. Sukanek.

– Você enterrou o cadáver ao pé da cerca do seu quintal – repetiu firmemente C.G. Rouss – depois de o ter matado quando ia a caminho de Beroun! Limpou as manchas de sangue do carro com um saco. Que fez desse saco?

– Não é verdade! – gritou Sukanek. – Comprei o carro do Sr. Tchepelka. Ninguém me embrulha assim, ouviu?!

– Espere, homem – disse Rouss –, pedirei aos *policemen* que vão lá verificar. Isto não é mais o meu *business*. O homem pode sair. Reparem, meus senhores, que gastamos dezassete minutos. Foi muito rápido. É que era um caso muito banal. Quase sempre dura uma hora. Agora eu gostaria de pedir que viesse algum dos senhores, a quem direi também umas palavras. Desta vez vai demorar muito, porque não sei qual é o seu *hidden... hidden...* como é mesmo que se diz?

– Segredo – ajudou alguém do auditório.

– Isso, segredo – repetiu o nosso grande patricio, todo radiante. – Conheço muito a ópera de Smetana que tem esse nome. A experiência vai nos custar muito tempo, até que o paciente nos revele o seu carácter, o seu passado e as suas mais recônditas ideias.

– Pensamentos – explicou a voz do auditório.

– *Well*. Pergunto, senhores: quem quer submeter-se à análise?

A pergunta não teve resposta. Um dos presentes deu uma risada, mas ninguém se mexeu.

– Por favor – insistiu C.G. Rouss –, não vai doer.

– Vá o senhor – sussurrou o Ministro do Interior ao da Justiça.

– Você deve ir, como representante do seu partido – insinuou um deputado a outro.

– Sr. Chefe de Departamento, faça o favor de vir – encorajou um alto funcionário a um colega de outro ministério.

A situação começava a tornar-se penosa. Nenhum dos presentes se levantara.

– Façam o favor, senhores – repetiu o cientista americano pela terceira vez. – Será que têm medo de se trair?

A essa altura o ministro do Interior voltou-se para trás e disse entre dentes:

– Então! Alguém que se resolva, meus senhores!

Nas últimas filas do auditório alguém tossiu modestamente e levantou-se. Era um velhinho um tanto ressequido, já bem coçado, e cujo pomo-de-adão tremia.

– Eu... hum – lançou timidamente –, se ninguém... então, com licença, eu...

– Venha cá – interrompeu o americano em tom autoritário. – Sente-se aqui. Tem de dizer a primeira coisa que lhe vier à cabeça. Não deve pensar, tem de falar *mechanically*, sem se preocupar com o que irá dizer. Entendeu?

– Sim! – disse o homem-cobaia, com boa vontade, um pouco intimidado ante auditório tão distinto.

Tossiu de leve e piscou, como um estudante em dia de exame. O cientista disparou a primeira palavra:

– Árvore!

- Gigantesca – sussurrou o velhinho.
- Como, por favor? – perguntou o sábio, como se não houvesse entendido bem.
- Gigante da floresta – esclareceu o homem, tímido.
- Oh, *I see*. – Rua!
- Rua... ruas de aspecto festivo – replicou o homem.
- Que quer dizer com isso?
- Uma festa, não? Ou um enterro.
- Isso mesmo. O senhor deveria dizer apenas festa. Sempre que possível, só uma palavra.
- Pois não!
- Continuemos. – Comércio!
- Animado. Crises nos negócios. Negociata política.
- Hum... – Canal!
- Que canal, por favor?
- Não importa. Diga uma palavra, depressa.
- Se o senhor pudesse dizer, por exemplo, canais...
- *Well*, canais.
- Competentes – retrucou satisfeito o homenzinho.
- Torquês!
- Martelo. Martelando as palavras do discurso. Desferiu violentas marteladas.
- *Very curious!* – murmurou o cientista. – Sangue!
- Sangue subindo às faces. Sangue inocente derramado. História escrita com sangue.
- Fogo!
- A ferro e fogo. Heróicos bombeiros. Discurso flamejante. Mane, tek¹.
- É um esquisito *case* – disse o professor, perturbado. – Mais uma vez, homem: O senhor deve dizer só a primeira ideia, compreende? Só o que lhe ocorrer *automatically*, ao ouvir a minha palavra. Prossigamos. Mão!
 - Fraterna que ajuda. Segura a bandeira. De punhos cerrados. Mãos sujas. Cascudo.
 - Olhos!
 - Testemunha ocular. À vista do público. Olhos inocentes de criança. Olhos húmidos de lágrimas...
 - Basta, basta! Cerveja!
 - Caneca. Demónio do álcool.
 - Música!

¹ Mane, tek¹, fares — Palavras proféticas de ameaça que, segundo a Bíblia, apareceram escritas em letras de fogo, por mão invisível, nas paredes da sala onde Baltasar, o último rei da Babilónia, se entregava a um festim orgiaco, justamente quando Ciro, rei dos persas, penetrava na cidade. Significam: pesado, contado, dividido.

– Música do futuro. Orquestra coroada de êxito. Concerto das grandes potências. Harmonia da paz. Hinos nacionais.

– Frasco!

– Vitriolo. Amor infeliz. Dores terríveis. Faleceu no hospital em meio aos mais atrozes sofrimentos.

– Veneno!

– Veneno e fel. Poços envenenados.

C.G. Rouss coçou a cabeça:

– *Never heard that*. Outra vez, por favor. Eu queria chamar a atenção dos senhores: começamos sempre por coisas... hum... *plain*, quer dizer, comuns, simples, para encontrar o principal *interest* e a *profession* do paciente.

– Continuemos. Conta!

– Ajustar contas com o inimigo. Isso vai por conta dos nossos adversários. Prestar contas à posteridade...

– Hum... Papel!

– Até o papel enrubesce de vergonha – declarou o homem energicamente. – Papel-moeda. O papel aguenta tudo.

– *Bless you!*² – solta o cientista, já meio zangado. – Pedra!

– Apedrejar. Pedra de túmulo. Saudade eterna – respondeu o homem-cobaia, místico.

– *Ave, anima pia!*³ Carro!

– Carro de triunfo. Rodas do destino. Pronto-socorro. Rico préstito, com carros alegóricos.

– Ah! *that's it!*⁴ – exclamou C.G. Rouss – Horizonte!

– Escuro. Nuvens negras toldam os horizontes políticos. Horizontes estreitos. Abrir novos horizontes.

– Armas!

– Desleais. Armadura completa. Bandeiras desfraldadas. Atacar pelas costas com setas envenenadas – exclamou logo o homem, entusiasmado. – Não recuaremos da luta. Pandemónio do combate. Luta eleitoral.

– Elemento.

– Fúria dos elementos. Forças elementares. Deveres elementares das classes dominantes.

– Basta! O senhor é jornalista, não?

– Sim, senhor – afirmou o homem-cobaia – , e já há trinta anos. Sou o redactor Vachatko.

– *Thank you* – agradeceu secamente o nosso famoso patricio. – *Finished, gentlemen. Analysing*

2 *Bless you!* — Valha-me Deus!

3 *Ave, anima pia* (latim): Salve, alma piedosa.

4 É isso!

as respostas deste senhor, podemos verificar que é um jornalista. Creio que seria inútil continuar a experiência. Só perderíamos o nosso tempo. *Excuse me*, a experiência falhou. Lamento, *gentlemen*.

– Vejam só! – exclamou o Sr. Vachatko à noite, na redacção, correndo os olhos pelo material de serviço. – Então a polícia informa que encontrou o cadáver do tal José Tchepelka; estava enterrado no quintal do Sukanek, junto da cerca, e debaixo do cadáver encontraram um saco manchado de sangue. Estão a ver? O diabo do Rouss acertou tudo, certinho. Parece incrível, meus colegas. Eu não disse uma única palavra a respeito de jornais, e ele descobriu, sem mais nem menos, que eu sou jornalista: “Senhores, estão diante de um eminente jornalista, de grande mérito”... Eu mesmo escrevi, aliás, na nota sobre a conferência: “As declarações do nosso famoso patrício foram acolhidas com lisonjeiro apreço pelos nossos círculos profissionais”. Mas esperem, será melhor assim: “As declarações altamente interessantes do nosso patrício foram acolhidas com o merecido apreço, vivo e lisonjeiro, pelos nossos círculos profissionais”. Esta é que é a verdade!

Fonte: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai, Mar de histórias – Nova Fronteira, vol. 10, p. 396

Retirado de: [Contos bem contados](#)

Obtenha mais contos na secção Biblioteca do Esquerda.net